



A guerra dos cem anos nos livros didáticos.

Breno Campelo Domingues*

Resumo: As relações entre historiografia e livros didáticos foram amplamente estudadas nas últimas décadas. Em tal perspectiva de análise os livros didáticos eram cobrados por suas falhas historiográficas em relação a produção acadêmica. Entretanto, no presente texto o foco de análise não é especificamente esse, pois não pretendemos apontar apenas os distanciamentos entre historiografia vigente e historiografia didática, mas, perceber como, através da seleção de obras que apresentam distanciamento temporal em sua publicação, alguns temas históricos perderam espaço nos livros didáticos de história. Essa supressão de alguns temas, segue, como demonstraremos as tendências da produção historiográfica acadêmica, revelando os laços e aproximações entre as duas modalidades de produção do conhecimento histórico, a acadêmica e a didática.

Palavras-chave: Ensino de História; Guerra dos Cem anos; Livros didáticos.

Abstract: Relations between historiography and textbooks have been widely studied in recent decades. In such a perspective analysis textbooks were charged for their failures historiographical regarding academic production. However, in this text the focus of this analysis is not specifically because we do not want to just point contrasts between prevailing historiography and history teaching, but to see how, through the selection of works that present temporal differences in their publication, some historical subjects lost space in history textbooks. This suppression of some issues, follows, as we will demonstrate production trends academic historiography, revealing the ties between the two approaches and methods of production of historical knowledge, academic and didactic.

Key-words: History teaching, the Hundred Years War; Textbooks

As relações entre historiografia e livros didáticos foram amplamente estudadas nas últimas décadas. Em tal perspectiva de análise os livros didáticos eram cobrados por suas falhas historiográficas em relação à produção acadêmica. Entretanto, no presente texto o foco de análise não é especificamente esse, pois não pretendemos apontar apenas os distanciamentos entre historiografia vigente e historiografia didática, mas, perceber como, através da seleção de obras que apresentam distanciamento temporal em sua publicação,

* História Licenciatura - FURG, bolsista FAPERGS.



alguns temas históricos perderam espaço nos livros didáticos de história. Essa supressão de alguns temas, segue, como demonstraremos as tendências da produção historiográfica acadêmica, revelando os laços e aproximações entre as duas modalidades de produção do conhecimento histórico, a acadêmica e a didática.

Para o emprego de tal estudo, o tema escolhido foi a Guerra dos Cem anos, principalmente, porque o conflito aqui a ser analisado atravessou eras, superando até mesmo algumas datas simbólicas marcadas como o fim da Idade Média e começo do período Moderno, tornando-se uma das guerras mais longas da história do Ocidente. Também o seu papel colaborador para formação dos Estados Modernos da Europa, sua ligação com a Crise do Século XIV, a queda do Feudalismo e conseqüentemente dos seus sistemas estratégicos de guerra.

O conflito denominado Guerra dos Cem Anos (1336-1453), que ocorreu entre a coroa Inglesa e o Reino de França, se trata de um fato transitório, ou seja, esta guerra se deu dentro de uma esfera de transição da cultura européia ocidental. O seu acontecimento pode estar ligado a um ou a uma série de outros fatos, e é objetivo desse presente artigo buscar e compreender a forma como esse conteúdo específico é apresentado dentro dos materiais escolares, como se é trabalhado o conteúdo de Guerra dos Cem anos nos livros didáticos? Todos os fatores que desencadearam esse conflito, combinados me despertaram a curiosidade de como esse conjunto de batalhas ocorridas entre ingleses e franceses é apresentado nos livros didáticos, como os autores de livros didáticos os expõem? É um assunto recorrente ou é tratado como conteúdo secundário? A quais outros temas está ligado? Perguntas que busco resposta no decorrer dessa pesquisa.

Logo no início de nossa pesquisa, percebemos que existe uma grande dificuldade para pesquisadores brasileiros em encontrar historiografia em português acerca da Guerra dos Cem Anos, há pouca produção de historiadores brasileiros e portugueses nessa área, amplamente dominada pela historiografia britânica e francesa, em seus respectivos idiomas, mas o acesso a essa produção estrangeira também se mostra distante, são poucos os artigos de livre consulta existentes nos sites de revistas e universidades européias. As publicações traduzidas para nosso idioma também são raras e antigas, de autores demasiados atrelados ao positivismo, com uma história sem problematização e de forma descritiva. Ainda com esse empecilho historiográfico, decidi manter o tema da pesquisa, apoiando-me na escassa historiografia em português e aproveitando ao máximo os artigos acadêmicos em inglês que tive acesso. Quanto



aos nomes dos personagens históricos optei por manter os nomes originais e não seus equivalentes em português como é comum na historiografia de nossa língua.

Portanto, a presente análise se realizou sob a perspectiva teórica da nova história cultural e do método da Análise de Conteúdo busco compreender qual a perspectiva desse tema específico dentro do material didático disposto para sociedade. Através dessa metodologia de pesquisa se é capaz de descrever e interpretar o conteúdo de Guerra dos Cem Anos dentro da classe da produção de livros didáticos, essa análise permite conduzir descrições sistemáticas, quantitativas e qualitativas, ajudando a reinterpretar as mensagens a cerca desse assunto e atingir uma compreensão de seus significados em um nível além de uma leitura comum, essa busca, esse método de pesquisa utilizado nesse presente artigo encaixa-se a partir do momento em que não quantitativamente, mas também qualitativamente se da a compreensão do tema e de como este é exposto ao público alvo das publicações didáticas.

A Guerra dos Cem Anos nos Livros Didáticos

Como explicado na introdução desse artigo, o conteúdo referente a Guerra dos Cem Anos se trata de um conjunto de fatores maleáveis, podendo serem abordados de diferentes formas, causas, períodos e consequências, ou seja, esse conteúdo em específico possui uma variação na sua forma de apresentação para o meio didático, pode-se dizer, principalmente pelo fato de sua extensão temporal.

Os livros analisados não seguem uma estipulação limitada de ano de edição, o objetivo crucial desse trabalho se concentra em buscar como esse determinado tema é e foi trabalhado nos livros didáticos e a partir dessa análise compreender como esse evento foi nos livros didáticos de História.

O livro analisado de Gilberto Cotrim, lançado em 2005, História Global Brasil e Geral, volume único para o ensino médio, apresenta a Guerra dos Cem Anos de forma secundária, em um pequeno texto. É possível perceber que o caráter que o autor deu a esse conteúdo não é de grande relevância, pois o mesmo apenas se figura em meio ao conjunto de fatores, conjuntamente com o fenômeno da Peste Negra, como causadores da queda demográfica vivida no período. Em paralelo teria causado os motivos que enfraqueceram a nobreza feudo-medieval e fortaleceram as monarquias nacionais, não possuindo menções a personagens históricos e nem a figuração de mapas.

Entretanto, devemos perceber que o conjunto de desacordos entre casas monárquicas geradores da chamada Guerra dos Cem anos, não ocorreu de uma hora para outra, pois desde



a conquista do trono inglês por William (Guilherme), Duque da Normandia, em 1066, a coroa inglesa possuía terras dentro do território do reino francês. Por esse motivo, as relações entre as casas monárquicas sempre foram tensas, pois os reis ingleses que se sucederam, sempre eram obrigados a fazerem votos de lealdade e vassalagem aos reis franceses.

O rei Louis X (Luís X) da França (1314-1316), que pouco mais fez do que apaziguar os vassalos morreu sem deixar herdeiros, apenas sua rainha grávida, a regência do reino ficou com o irmão mais novo do rei, Philip (Felipe), o Alto. O filho de Louis X nasceu, John I (João I), que logo veio a falecer, deixando o trono em definitivo para agora Philip V. O autor C. W. Privité-Orton deixa clara a situação do Reino da França no período pré-guerra em seu livro, História da Idade Média:

É facto muito significativo o das províncias terem sempre agido isoladamente, não tentando nunca escapar ao exercício do poder da administração real, que tinha já muita força, e que breve reassumiu a suas funções. Não existia em França um sentimento nacional ou uma união de classes suficiente forte, mas apenas uma lealdade comum a coroa. (PRIVITÉ-ORTON, 1975, p. 73).

Como bem discorreu o autor, com ampla autoridade sob suas terras, era comum que condes e duques tomassem partido em conflitos, muitas vezes, sem consentimento da Coroa. A morte de Philip V (1322), sem filhos, deixou mais uma vez o trono francês a cargo do irmão mais jovem, no caso Charles IV (Carlos IV), que pouco fez quanto às hostilidades do Conde de Flandres, Louis II, para com as terras inglesas na França não impedindo os conflitos pelas terras da Gasconha do rei inglês Edward III (Eduardo III). Louis II de Flandres acabou por ganhar terras inglesas na França através de tratados de paz com os ingleses, que não tinham como desviar suas forças para os reino francês devido as guerras contra a Escócia. O fato da coroa francesa manter-se indiferente a hostilidade de seus vassalos quanto aos territórios de Edward III desgastou ainda mais uma fraca relação entre as duas cortes.

Como vemos, o processo de formação do conflito não ocorreu de forma simples e direta. Entretanto, esse desgaste que teria sido um dos fatores que contribuiu para a crise geradora da Guerra dos Cem anos, não aparece, mesmo de forma resumida, na narrativa do livro didático de Gilberto Cotrim. A partir dessa percepção notamos que o texto omite parte do processo histórico, o que dificulta uma análise processual do evento. Mesmo considerando que o ensino de História não precisa se preocupar com uma formação aprofundada nos conhecimentos históricos, mas também precisamos notar que o ensino-aprendizagem que



contribua para a formação de um modo de pensar processual também depende de um aprendizado que forneça alguma base de conhecimento.

Em contrapartida, no livro de Cláudio Vicentino, outro volume único para ensino médio, lançado em 2001, o tema surge com mais espaço, tratado dentro do âmbito de formação do Estado Moderno francês, mas tendo em visto esse acontecimento como um atraso do processo de centralização:

... tudo apontava para a formação de um sólido Estado centralizado na França, país que se encontrava a vanguarda da marcha centralizadora europeia. Entretanto, sobreveio a Guerra dos Cem Anos, que abortaria, ainda que temporariamente, o fortalecimento do poder monárquico no país. (VICENTINO, 2001, p. 147).

Fica claro na simplicidade dada ao assunto, que na perspectiva de Vicentino não foi um fator colaborador para a formação das monarquias, mas sim um entrave. O autor também abre um parágrafo em especial para relacionar o assunto com a peste negra justificando ambas como motivos de fome generalizada. O texto ainda traz menção a Joan d'Arc, enaltecendo sua figura e destacando o seu papel militar na batalha: "Dizendo-se enviada por Deus para guiar seus compatriotas na expulsão do exército inglês, ela partiu decisivamente de diversos combates que resultaram em vitória francesa" (VICENTINO, 2001, p. 147). E descrevendo também seu fim na fogueira e a relevância da sua figura de uma mulher como mártir nacional do povo francês.

Aqui podemos perceber que mesmo com maior espaço para apresentação do tema e da própria figura do personagem histórico Joana D'Arc, os fatores que conferiram condições para a participação de uma mulher em um contexto de guerras ainda aparece subentendido e de alguma forma obscurecido. Isso porque a ascensão da figura de Joana D'Arc se deu em determinadas condições políticas, religiosas e sociais que permitiram que uma personagem mulher se destacasse.

Como podemos perceber na continuidade dos conflitos, a morte de Charles IV, em 1328 sem herdeiros, mas com sua rainha grávida "deu origem a que se pusesse imediatamente o problema da regência e também o de sucessão" (PRIVITÉ-ORTON, 1975, p. 75). Naquele momento, existiam dois candidatos ao trono do reino, um deles o rei inglês Edward III, o parente do sexo masculino mais próximo, sobrinho de Charles IV, porém, por linhagem feminina. Entretanto, o parente mais próximo por linhagem masculina era Philip de Valois, da casa monárquica francesa. Uma assembléia entre os vassallos do reino foi convocada para



escolha de quem possuiria o poder de regência até o nascimento do filho ou filha de Charles IV. Escolhido, logo após a rainha dar a luz a uma menina, Valois foi coroado Rei da França sob o nome de Philip VI da Casa de Valois. Edward III protestou, mas seus entraves com a Escócia lhe retiraram qualquer chance de guerra pelo trono, acabou por prestar homenagem ao novo rei, pela Gasconha.

Nessa direção, a tensão entre a coroa francesa e inglesa ainda viriam por degradar-se mais. Philip VI possuía parentes nas cortes do Reino de Nápoles e no Reino da Hungria Cristã, tinha também aliados no Império Romano-Germânico e apoio do papado de Avignon, além de todas essas vantagens diplomáticas reinava sob uma França rica e populosa segundo Priveté-Orton:

A França era forte porque rica e populosa – tinha cerca de 12.000.000 de habitantes; os méritos dos reis capetíngios tinham sido maiores do que os seus defeitos, e durante seus reinados a França conhecera um período de paz e segurança que permitira o desenvolvimento do comércio e da agricultura, tendo-se por outro lado atenuado as obrigações da servidão (PRIVITÉ-ORTON, 1975, p. 76).

Conforme afirmado pelo autor, encorajado por sua condição no Reino, Philip VI acabou tomando medidas radicais que fizeram com que a guerra entre França e Inglaterra se tornasse eminente. No condado de Flandres, Louis II, pediu auxílio a coroa francesa para lidar com rebeldes burgueses favoráveis aos ingleses, de onde vinha a lã para a indústria têxtil flamenga. Em 1328 as forças reais de Philip neutralizaram os rebeldes e vassalos franceses passaram a apropriar-se de terras inglesas na região. O fato de o Rei francês ignorar os abusos de seus vassalos quanto aos territórios ingleses deixava Edward III com poucas opções se não a guerra, mas os conflitos com a Escócia mais uma vez impossibilitaram que levasse tropas ao continente. Mas a guerra não tardou, seu estopim se deu quando Philip VI declarou seu apoio a David II da Escócia, com tal afronta, o Rei inglês levantou novamente, em 1336, sua pretensão ao trono do Reino da França.

As forças de ambos eram desequilibradas, a Inglaterra possuía um quarto da população francesa¹, mas Edward contava com um reino mais unido e suas estratégias militares mais avançadas do que era comum ao resto da Europa.² Já o método militar francês se baseava

¹ Segundo Priveté-Orton em História da Idade Média vol. VI

² As constantes guerras entre o reino inglês e o reino escocês acabaram por aprimorar as táticas militares dos ingleses principalmente no uso do arco e flecha segundo priveté-Orton.



praticamente em uma cavalaria feudal tecnologicamente ultrapassada, ainda assim tomar os castelos e senhorios no continente de assalto seria impossível, então os planos de Edward III se basearam em criar uma linha de aliados ao longo da fronteira do reino francês. Incitou uma revolução no condado de Flandres, realizando um embargo econômico de lã, que resultou no exílio do conde Louis II e, ascensão no governo de um influente burguês, ligado a indústria têxtil, Jaime Van Artevelde de Gand em 1337. Mas fora a bem sucedida iniciativa inglesa tenha dado certo em Flandres, as outras campanhas vinham se mostrando pouco eficazes, o exército de Philip VI resistia bem aos avanços inimigos sem tomar a ofensiva, assim Edward III perdeu a confiança dos aliados que havia conquistado no Império e retornou a Inglaterra como derrotado.

Em 1340 os exércitos franceses se organizavam para a primeira ofensiva contra a Inglaterra seguindo com toda a armada marítima para região de Sluys³ no rebelde condado de Flandres. Lá foram surpreendidos pela armada inglesa gerando a primeira grande batalha da Guerra dos Cem anos, a batalha de Sluys, onde a armada francesa foi liquidada pela frota inglesa destruindo por completo qualquer chance de Philip VI de invadir a Inglaterra e gerando a primeira grande vitória de Edward III na guerra. Entretanto o rei inglês não pode avançar devido a um problema de sucessão dentro de seus territórios que acabou por se tornar em uma guerra civil.

Ao retornar ao confronto principal Edward III havia perdido seu representante em Flandres, Van Artevelde havia sido assassinado por uma facção flamenca pró-Philip, logo enviou um exército comandado pelo seu primo Henry (futuro Lancaster) contra Flandres, seu exército foi perseguido por Philip VI e seu exército de aliados. As forças inglesas guiadas por Henry logo ganharam os reforços de Edward III e Godofredo de Harcourt⁴ da Normandia, e em Junho de 1346 foram alcançados em Crecy⁵ pelas tropas francesas, mas o terreno havia sido escolhido pelos ingleses e as tropas de Philip VI sofreram mais uma devastadora derrota, sendo morto na batalha Louis II de Flandres. Edward III prosseguiu o conflito dando cerco aos castelos da região, com o propósito de se apoderar de todo o norte da França por volta de 1347, o enfraquecido exército francês não tomou ofensivas bruscas e norte francês foi tomado pelos ingleses, mas a peste negra acabou por frear os avanços de Edward III causando uma pausa forçada a guerra.

³ Atualmente região dos Países Baixos.

⁴ Nobre da região da Normandia desgosto do reinado de Philip VI que escolheu lutar ao lado dos ingleses com seus exércitos.

⁵ Região ao norte da França.



Dentro desse período Philip VI faleceu em 1350, mesmo tendo sofrido duras derrotas e perda de importantes territórios durante a guerra à política do rei francês não foi de total fracasso como nos diz Previté-Orton:

Não fora integralmente mal sucedido na sua política externa, pois obtivera para seu neto mais velho, Charles (Carlos), o último dos Delfins de origem nativa, a sucessão das vastas terras do Dauphiné, situadas entre o Ródano e os Alpes. Foi um legislador prolífero, e as suas necessidades de dinheiro obrigaram-no a convocar frequentemente contra sua vontade os Estados Gerais e os Estados Provinciais. Desvalorizou a moeda e impôs aos seus súbditos o pagamento de novos e pesados impostos (PRIVITÉ-ORTON, 1975, p. 82).

Os processos de crise gerados também pela desvalorização da moeda, como demonstrou o autor, contribuíram para que John II (João II), filho de Philip VI, assumiu o trono francês em meio a maiores conturbações no cenário da guerra. Charles II de Navarra, Conde de Evreux⁶ e neto de Louis X levantou também suas pretensões ao trono francês, conspirou junto com Edward III para forçar John II a lhe ceder mais terras no norte da França dominada pelos ingleses. O rei inglês inspirado por essa aliança retoma a guerra na França enviando seu filho, príncipe de Gales, Edward, príncipe negro, em 1355 para devastar as terras centrais do reino francês que se encontrava em plena divisão. Os Estados Gerais reuniam-se em assembleias distintas, uma para o sul e a outra pra o norte. O chefe da Assembleia do norte, Etienne Marcel, preboste dos mercadores de Paris e os vassalos das regiões nortenhas estavam descontentes com a forma como o novo rei francês vinha gastando seus impostos, não tardaram para que caíssem ao lado das causas de Charles de Navarra e Edward III. John II viu-se obrigado a repelir a rebeldia de vassalos próximos ao sul, mas suas forças encontraram-se com as do Príncipe Negro em Poitiers.⁷ As tropas francesas sofreram novamente uma esmagadora derrota e o rei John II foi capturado e levado à Inglaterra em cativo honroso.

Essa derrota trouxe graves conseqüências para o reino francês, além de divido entre o norte e o sul, bandos de ingleses e gascões estavam soltos e dispersos pelo território, formando companhias livres, devastando as terras francesas, caso que acentuou a divisão

⁶ Região ao norte da França.

⁷ Região Centro-Oeste da França. – Batalha de Poitiers (1356)



entre os franceses, Marcel líder dos Estados Gerais do norte estava demasiado infeliz com o governo do reino e fazia pesadas críticas ao agora regente do reino Delfim Charles, forçando-lhe a aceitar a tutela da França a Charles de Navarra. Delfim Charles não aceitou as tentativas de Marcel e Charles de Navarra e passou a organizar tropas para lhes dar luta em Paris.

Os camponeses eram os que mais sofriam com a ação de soldados desocupados e das Companhias Livres, não recebiam a devida proteção de seus senhores e ainda estavam submetidos a pesados impostos. Em 1358, em Beauvaisis, estourou uma revolta de camponeses contra seus omissos senhores, logo se espalha por toda a França de norte a sul, a Jacquerie. Acabou por desviar a atenção dos envolvidos na guerra para conte-la e no mesmo ano ela foi neutralizada nas diferentes regiões em que se instaurou. Mas seu acontecimento acabou por alterar o cenário do conflito, Marcel e Charles de Navarra, perderam sua popularidade e durante o cerco de Delfim Charles a Paris, Marcel foi assassinado e a cidade entregue ao regente do reino.

Nesse ínterim, em 1359, Edward III lançou uma nova ofensiva para tomada do trono, mas perdeu muitos homens no cerco a Paris onde se encontrava o Delfim. Por fim em 1360 foi negociado um acordo de paz preliminar, onde o rei inglês tinha cedido para si além da Gasconha⁸ vastas terras ao norte da França em troca da liberdade do rei John II. A paz era frágil, um neto de John II que ficou como refém para garantir o tratado fugiu da Inglaterra, forçando o rei francês pela honra a retornar para o cativeiro onde morreu em 1364. Dentro desse período de relativa paz, Delfim Charles focou seu governo para se ver livre dos espanhóis de Charles de Navarra⁹ e das Companhias Livres que assolavam o reino com crimes e pilhagens, ambos os objetivos alcançados.

Delfim Charles, agora Charles V, reorganizou os exércitos e os planos de reconquistas dos territórios. As terras inglesas na França estavam sob a administração do Príncipe Negro, o que não agradava os vassalos dessa região e comumente estavam envolvidos em conflitos internos. A morte de Edward III e de seu filho em 1377, levou ao trono inglês o seu neto, Richard II (Ricardo II) de apenas dez anos de idade, a morte de Charles V em data próxima, 1380, esfriou os conflitos entre as coroas que acabariam por sofrer com conflitos internos cada uma.

Na França ascendeu ao trono Charles VI, considerado incapaz de governar pelos nobres da casa da Borgonha que buscaram tomar o poder do reino. Ao lado da casa real

⁸ Terras já pertencentes aos ingleses antes da guerra.

⁹ Batalha de Cocherel (1364)



estavam os armagnacs que resistiram as tentativas dos borguinhões de dar um golpe ao trono e toma-lo. Os borguinhões após várias derrotas aliaram-se aos ingleses, promovendo mais uma vez uma grande cisma dentro do território francês. Já na Inglaterra Richard II assim que assumiu a maior idade combateu revoltas camponesas e a oposição da nobreza liderada por Henry de Lancaster que tomou o trono em 1399. A Henry de Lancaster sucedeu seu filho, Henry V, que viria ressurgir a guerra entre as coroas inglesa e francesa.

Incentivado pela má administração do rei francês Charles VI e pela guerra civil que existia no reino, Henry V partiu novamente em guerra para tomada do trono da França, com o apoio dos borguinhões desembarcou na Normandia em 1415. A coroa francesa enviou um exército para conter a investida, mas sofreu uma humilhante derrota na batalha de Agincourt para um exército inglês menor, mas, estrategicamente melhor preparado. As forças inglesas retomaram sem dificuldades o norte da França a pouco reconquistado pelos franceses durante o reinado de Charles V. No ano de 1422 ambos os reis morrem, herdando a coroa da Inglaterra e do norte da França para Henry VI, que ainda era recém-nascido deixando seu reino sob regência, enquanto que o filho de Charles VI, o Delfim, retirou-se para governar em Bourges¹⁰ nos poucos territórios do sul que dominava.

Surge então nesse período do conflito uma personagem de extrema relevância para a formação de uma identidade nacional principalmente no pós-guerra. Como nos diz José Rivair Macedo:

Joana nasceu provavelmente em Domremy, a 6 de Janeiro de 1412. Como diz Régine Pernoud, foi uma rapariga como as outras, uma pastora, uma pessoa do povo. Não teria saído do anonimato não fosse a piedade ardente que teve. Desde a infância teve “visões” místicas que lhe anunciaram a vontade divina: libertar a França do jugo inglês (MACEDO, 1990, p. 87).

A trajetória comum de Joana D’Arc, como apontou Macedo, não impediu que a mesmo fosse enviada para frente de batalha, por ordens do Delfim, Charles VII convencido de sua ”missão”. A ideia de nação foi assim lançada, pois D’Arc não lutava por um senhor ou um feudo, mas sim todo um povo, um único rei. Sob seu comando os exércitos franceses venceram importantes batalhas, até 1430 quando foi capturada pelos ingleses e queimada como herética na fogueira em 1431. Seu mártir surgiu como uma forma de incentivo ao povo francês que avançou na reconquista das terras do norte aproveitando também da instabilidade

¹⁰ Região centro-sul da França.



interna que vivia a Inglaterra¹¹. Em 1450 a coroa francesa tomava de volta a Normandia e em 1453, vence a batalha de Castillon tomando o último castelo de poderio inglês na região expulsando-os de vez e confirmando a soberania de todo o território por Charles VII. A Guerra dos Cem Anos acabou por gerar pesadas conseqüências entre elas à crise do sistema feudal e o surgimento de um sentimento nacional na França, além de uma reformulação nas táticas de guerra como a utilização da pólvora no campo de batalha e lançamento de projéteis. Sua longa duração permitiu que fechasse as portas da cultura medieval e abrisse as portas de um novo período cultural.

Esses fatores bem demonstram que a os processo histórico que desencadeou a Guerra dos Cem anos também contribuiu para a desagregação do sistema feudal e da sociedade medieval. Portanto, compreender parte desse processo contribui para a construção de um olhar processual de transição entre o medievo e a modernidade.

Indo de encontro com o discutido anteriormente, na História Geral, de Haddock Lobo, publicado em 1954, o tema foi tratado de forma mais descritiva, conferindo uma narração da origem da guerra, como um problema de sucessão. Também apresenta um resumo das batalhas mais relevantes e atribuição de adjetivos quanto às funcionalidades no cargo de cada um dos reis. Claro que devemos destacar que o texto não problematiza o tema quanto a formação do Estado francês ou crise do século XVI, pois trabalha com a perspectiva de que a guerra teria sido gerada a partir de um problema de sucessão no contexto do fim da Idade Média. O que percebemos com a análise da obra de Lobo, devido a sua distância temporal de publicação em relação às anteriormente analisadas, é o fato de que podemos sim afirmar que os livros didáticos vêm em um processo de simplificação das narrativas históricas e mais, até de supressão de determinados eventos. Essa percepção nos leva a questionar quais diretrizes tem influenciado esse silenciamento? Ou ainda, porque os conteúdos estão sendo suprimidos e resumidos? A essas questões ainda não temos como responder, mas, uma consideração já temos, esse tem sido um fenômeno corrente nas estruturas narrativas dos livros didáticos de história.

Na mesma perspectiva, Alcindo Muniz de Souza tratou o tema da Guerra dos Cem Anos também de forma descritiva. Entretanto, sua narração se apresentou de maneira mais resumida e dessa vez dentro do tema de formação do Estado da Inglaterra, como vemos: “Eduardo II, que governou a seguir, mostrou-se um príncipe fraco. Não aconteceu o mesmo com seu filho Eduardo III, em cujo reinado começou a guerra dos cem anos. Venceu em

¹¹ Guerra das Duas Rosas.



Eduse, Crêcy e Calais(...)”(MUNIZ, 1935, p. 141). Enaltecendo em específico a figura de um rei específico e não buscando relações com temas adjacentes e nem mesmo buscando uma origem para o conflito. Novamente, observamos que em uma obra também publicada muito antes dos primeiros títulos didáticos aqui analisados, o tema Guerra dos Cem anos foi apresentado de forma mais ampliada e com foco político, mesmo que em organizações temáticas diferentes. Essa análise reforça nossa consideração de que os livros didáticos de História aprovados pelo PNLD têm seguido um direcionamento em suas estruturas de narração da História, que simplificam, resumem e até suprimem determinados conteúdos da História, anteriormente tratados nos livros didáticos, como vimos em Lobo e Muniz.

Através dessa breve análise pode-se observar que o tema Guerra dos Cem Anos é um tema oscilante dentro da produção de livros didáticos. Aparentemente na maior parte dos livros didáticos dedicados ao ensino médio com diferentes graus de complexidade, o tema é apresentado de forma resumida e nos livros didáticos dedicados ao ensino fundamental o tema foi completamente excluído. Através do que Circe nos diz sobre a seleção dos saberes históricos no contexto do ensino, é possível fazer um traço quanto a essa condição: “decorre de certo consenso sobre a impossibilidade de ensinar “toda a história da humanidade” e a necessidade de atender os interesses das novas gerações(...)condições são múltiplas e interferem nos critérios de seleção dos conteúdos...(BITTENCOURT, 2011, p.138). Ou seja, as novas demandas da contemporaneidade tem exigido, como podemos perceber na afirmação da autora, dos autores seleções diferentes de conteúdos, que privilegiam outros temas e abordagens.

A ausência do tema nos livros didáticos dedicados ao ensino fundamental nos leva a refletir que estamos passando por uma adaptação dos conteúdos para as novas gerações de educandos, já que a temática em que a Guerra dos Cem Anos está imersa em variadas interpretações.

Quanto aos livros de ensino médio que abordam o tema, não existe uma uniformização de apresentação. A Guerra dos Cem Anos é representada de forma englobada em condições diferentes de livro para livro e sempre de forma superficial. Nessa direção, afirmou Bittencourt: “Para além das condições do sistema escolar, um aspecto fundamental que preside a seleção dos conteúdos é o domínio da produção historiográfica e do processo de reelaboração e apropriação desse conhecimento em uma situação escolar(...)” (BITTENCOURT, 2011, p.138). A afirmação da autora nos faz retornar a nossa primeira afirmação no início desse artigo, na qual relatamos a rara produção historiográfica como o



tema Guerra dos Cem anos, no Brasil, pois atualmente essa temática é estudada de forma hegemônica por historiadores franceses e ingleses. Assim, no viés apontado por Bittencourt, podemos compreender que devido ao foco de pesquisas históricas no Brasil não se voltar para a compreensão desse fenômeno, o mesmo ocorre com os livros didáticos. Esses acompanhariam as direções e produções da historiografia brasileira e seguiriam suas tendências.

Fontes

COTRIM, Gilberto. **História Global Brasil e Geral**, volume único. 8 ed. São Paulo, V. 8; Editora Saraiva, 2005.

LOBO, Haddock. **História Geral**. São Paulo;; Editora Melhoramentos, 1954.

SOUZA, Alcindo Muniz de & CESÁRIO JÚNIOR, A. F. . **História da Civilização**. São Paulo;; Editora Saraiva & Cia, 1935.

VICENTINO, Cláudio. **História para Ensino Médio: Geral e do Brasil**: volume único. São Paulo: Scipione, 2001.

Referências bibliográficas

BITTENCOURT, Circe. **Ensino de História**: fundamentos e métodos. 4º Edição. São Paulo: Cortez, 2011

BRITISH BATTLES: The Battle of Agincourt. Disponível em: <www.britishbattles.com/100-years-war.htm>. Acesso em: Fevereiro de 2013

BRITISH BATTLES: The Battle of Crécy 1346. Disponível em: <www.britishbattles.com/100-years-war.htm> . Acesso em: 25 de Fevereiro de 2013

BRITISH BATTLES: The Battle of Poitiers 1356. Disponível em <www.britishbattles.com/100-years-war.htm> . Acesso em: 25 de Fevereiro de 2013

BRITISH BATTLES: The Battle of Sluys 1340. Disponível em: <www.britishbattles.com/100-years-war.htm> . Acesso em: 25 de Fevereiro de 2013

EYEWITNESS: The Battle of Agincourt, 1415. Disponível em: <www.eyewitnesstohistory.com>. Acesso em: 01 Março de 2013

HUNT, Lynn. **A Nova Historia Cultural**. Trad. Jefferson Luis Camargo. São Paulo, Martins Fontes, 1992.

MACEDO, José Rivair. **A Mulher na Idade Média**. São Paulo: Contexto, 1990

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MORGAN, Kenneth O. **The Oxford Illustrated History of Britain**. Nova Iorque, Oxford Press, 2000.

PREVITÉ-ORTON, C.W. **História da Idade Média**, vol. VI. Porto; Editora Presença, 1975.

Recebido em Julho de 2013

Aprovado em Agosto de 2013